

ESTREIA | VELHOS

Idosos e cheios de vida

Oito bonecos de espuma tratam da terceira idade em peça de **Sergio Mercúrio**

Luiz Felipe Reis

Mais conhecido como *El director de Banfield*, o diretor e manipulador Sergio Mercúrio transforma bonecos e espuma em personagens com vida, experiências e personalidades detalhadas. Irônicos, críticos, ternos, poéticos, mas cheios de humor, os bonecos trabalhados com meticulosidade pelo argentino parlam vida, de hoje a domingo, na Caixa Cultural — com o espetáculo *Velhos*, que se concentra no velhice ao tratar de solidão, morte e a passagem do tempo.

— O espetáculo todo é relacionado às muitas reflexões sobre a velhice, sobre como as pessoas encararam essa etapa da vida — explica Mercúrio. — Tento mostrar, com o auxílio de oito bonecos-personagens com personalidades e histórias de vida completamente diferentes, formas diversas de lidar com a passagem do tempo. É curioso observar as características que se repetem e outras que não têm nada em comum. É realmente algo extraordinário. Uma pessoa que chega a essa etapa de vida, além de já ter realizado muitas coisas, tem muito a fazer além de esperar a chegada da morte.

A peça traz ao palco oito personagens idosos manipulados de sete modos diferentes. Incorporados em pés que se movem e em braços gigantes embebidos, cada um representa uma história, todas inspiradas em experiências pessoais de Mercúrio.

— Acho que as pessoas, em geral, têm uma visão muito esquemática do que é viver

“

As pessoas têm uma visão muito esquemática do que é viver a velhice.

Como se não fosse possível realizar nada. Nós é que não prestamos atenção nesse

Sergio Mercúrio

diretor

velhice. Como se não fosse possível realizar mais nada. Penso ao mesmo nível e que não prestamos atenção em suas vidas — analisa. — Compi cada um a partir de experiências que me locam, das muitas lembranças de uma convivência marcante com meus avós. É é isso que emocionou a plateia. Lembrações dos nossos avós, do envelhecimento dos pais e o de cada um.

A abertura fica por conta de Tróvão, um velho rancoroso e cantado que, sentado diante do público, critica e responde a morte.

Trovão é com um desses muitos velhinhos que nos esbarram no meio da rua e nos aliam para contar suas histórias e suas angústias. Ele me encanta e pede ajuda para atravessar a rua. Talvez você já tenha visto algo assim...

Em seguida, o casal Rosa e Arturo encena uma discussão acalorada, mesmo acamados no hospital após terem sido atropelados. O autor destaca a passagem como um dos

momentos mais cômicos do texto. Manipulado juntamente com Rosamari Lacomel, surge a simpática e gigante boneca Edúviges, acompanhada de uma inesperável borboleta. Ela anuncia o boneco de mesa Nivaldo, um idoso indignado que sofre uma solidão incompreensível. Num dos mais delicados trechos, a relação de um avô e um neto é trágica pela ironização de péssimo, com necessidade de fala. Assim como a filha, a boneca Simeona também só precisa dos gestos para se fazer entender. Mercúrio conta que redobrou seus cuidados com detalhes para dar sentido aos movimentos.

— As cenas em que os filhos foram substituídos por movimentos dos pés foram as mais difíceis de criar. Passar para o público os sentimentos e reflexões dessa forma foi muito complicado, porque são elementos poéticos em cena. Quer retratar a infância que os mais velhos têm para a pessoa, principalmente a infantil. E presto esse tributo em silêncio.

As raias argentinas sempre como desfecho. É quando surge Professor, um apaixonado por tanto que é enviado a um asilo pelo filho, que viaja à Espanha a trabalho.

Ele acha que o filho vai retornar e chega ao asilo no teatro ao lado. Vê ali uma oportunidade de ensinar a todos sobre o tempo. Ele nunca teve dinheiro, mas sempre esteve satisfeito em viver de seus próprios parvos. A música e a sua vida.

Caixa Cultural — Av. República de Chile, 930. Caixa: (21) 5112-8122. Cap.: 200 pessoas. 1ª vol.: a partir de R\$ 40. 2ª edição: R\$ 10. 3ª edição: R\$ 10. 4ª edição: R\$ 10. 5ª edição: R\$ 10. 6ª edição: R\$ 10. 7ª edição: R\$ 10. 8ª edição: R\$ 10. 9ª edição: R\$ 10. 10ª edição: R\$ 10.



ENVELHECER — Cidades por Mercúrio, oito bonecos dão vida a histórias de personalidades distintas numa sole em comum, viver

Viajante latino-americano

Além do espetáculo, a Caixa exibe, no sábado e no domingo, às 20h30, o premiado documentário *O filme de Ariana*. Dirigido por Mônica, o filme transporta para o cinema os pensamentos da artista de rua carioba Efigênia Ramos Rolim, conhecida no cidade como "a rainha do papel de bala". Produzido entre 2005 e 2007, o longa foi eleito pelo público da 31ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo como Melhor Documentário Es-

trangeiro em 1998, ano em que morreu no Brasil como etapa da sua viagem pela América Latina (entre 1992 e 2004), que lhe rendeu mais de mil apresentações, além do livro *De Banfield ao México*.

— Fiquei encantado pela figura e inteligência dela. A partir desse encontro, ela passou a fazer parte da minha vida. Em 2005, tive a chance de reencontrá-la, organizando uma esquete e passou a figurar tudo o que ela contava. Era uma pessoa



Um dos bonecos da peça de Sergio Mercúrio



El hechizo del titiritero de Banfield

Álvaro Valero / Página Siete



VELHOS, de Sérgio Mercurio, encerra o FITA

01/07/2013

Por Revista Osiris (Marco Vasques / Rubens da Cunha)



VELHOS

Por Marco Vasques e Rubens da Cunha

O 7º FITA chega ao seu final com um espetáculo contundente, bellissimo. Trata-se de *Velhos*, que tem texto e direção de Sérgio Mercurio. No palco Mercurio e Rosimari Jacomelli comungam a carnção poética apresentando toda a fragilidade do envelhecimento. *Velhos* é um espetáculo dividido em sete esquetes, nos quais somos apresentados a uma série de personagens que vão apresentando ao público as questões da vida, da morte, do abandono, da solidão, dos encontros e desencontros, tendo sempre como pano de fundo a velhice.

Para cada quadro, Sérgio e sua companheira de palco trabalham com um tipo diferente de manipulação, passando pela ventriloquia, pelo uso dos pés, por bonecos pequenos e gigantes. O primeiro esquete se inicia com o melancólico velho chamado Tronco, que dialoga com o manipulador e vai, de forma irônica, grosseira, mas ao mesmo tempo delicada e perspicaz, traçando todo um panorama sobre a cultura de massa, o valor da poesia e a força da arte.

Assim os quadros seguem, seja com um texto tocando a auto-ajuda, mas não caindo na pieguice, quando, por exemplo, uma velhinha chamada Eduviges interage com o público, ouve vozes, vê nossos anjos e sai de cena com a bondade inerente a algumas velhas almas. O humor transita entre o real e o surreal, quando um índio navajo está perdido e invoca os espíritos. Ele atende o celular e sua filha tenta resgatá-lo num aeroporto. Outro quadro traz o diálogo irascível entre um casal que está numa cama de hospital ou, se entramos no campo metafórico, estão numa vida além da vida, ou seja, mortos.

De quadro em quadro, o trabalho de Sérgio Mercurio concilia a força poética do texto com a perfeição harmônica da técnica na manipulação. Sozinho ou ao lado de Rosimari o trabalho é carnção poética sempre. Uma das grandezas do espetáculo está no carisma dos personagens. São todos tão fortes, tão acariciadores da alma dos espectadores. É muito difícil não se identificar com algum deles, afinal a velhice colocada no palco é a velhice universal, a velhice que perpassa toda a nossa experiência humana, seja ela vivida ou imaginada. A condição eterna da perda, do esquecimento, do derradeiro fiapo de vida a que estamos condenados vai se aproximando mais e mais do público arrebatadoramente.

O cuidado do espetáculo revela o profundo conhecimento de Sérgio na arte do teatro animado, que está há mais de 20 anos percorrendo os palcos e expondo uma experiência de vida, de olhar, de poesia que engrandece. Ele aposta e evidencia o humano em todas as suas facetas. Não se exime de ser melancólico, triste, alegre, esperançoso e desesperançado. Demonstra um olhar que busca a humanidade completa, intensa. Trata-se de um artista multifacetado: ator, diretor, escritor, cineasta, desenhista, manipulador e construtor dos bonecos, que a cada espetáculo vai crescendo, expondo-se, interagindo de maneira poética com o público.

Bonecos feitos por ourives, atuações firmes, palco nu, comunhão com o público, delicadeza e poeticidade são as principais qualidades de *Velhos*, que encerra o festival de maneira retumbante, arrebatadora. Nem a choradeira constante dos organizadores, nem a sexta-feira preenchida por espetáculos menores conseguirá apagar a iluminação poética que *Velhos* trouxe para o Teatro Ademar Rosa. No geral, fica a lição: é possível um festival com menos espetáculos, com menos maratonismo e que privilegie a qualidade.

VIDA & arte

CAIXA CULTURAL. TEATRO DE BONECOS

HISTÓRIAS HUMANAS

Artista argentino Sergio Mercurio apresenta, de hoje a domingo, em Fortaleza, cinco espetáculos adultos com bonecos sobre temas que vão do autoconhecimento à velhice e morte

Jáder Santana
jader.santana@opovo.com.br

Quando viajava pela África, o argentino Sergio Mercurio foi identificado como "latino" por um nativo. Filho de uma família de classe média de Banfield, na região sul da Grande Buenos Aires, tinha 24 anos quando decidiu começar uma jornada pelas Américas: queria reconhecer sua própria latitudes. Levou mais de uma década nessa tarefa. Pelo caminho cruzou 16 países, permanecendo alguns meses em cada um deles - descobriu os bonecos e criou suas primeiras histórias.

Mercurio se inspirou em suas andanças para criar a trilogia de espetáculos que apresenta agora em Fortaleza. *El Titiritero de Banfield* - nome pelo qual se tornou conhecido em seu país - é o primeiro deles, seguido por *En Camino* e *De Banfield a México*. Nessas primeiras três montagens, concebidas durante sua jornada, o tema é a viagem que fazemos rumo ao desconhecido e em direção ao nosso interior.

"O primeiro é muito focado na cultura e nos personagens da minha cidade, em como eles veem o mundo, em como eu vejo o mundo antes de sair da cidade. O segundo é um pouco mais pessoal, por exemplo, mas de qualquer pessoa que vai sair de viagem, as questões que vão aparecer na sua cabeça, as dificuldades. O último, sim, é totalmente biográfico", explica.

Além de sua série sobre viagens, Mercurio apresenta dois espetáculos da trilogia da velhice: *Velhos e Beatriz*, a *História de Uma Mulher Inventada*. A terceira peça, *Aqueles Velhos de M...*, foi apresentada em Fortaleza no início deste ano. "No primeiro, são sete personagens velhos em situações diferentes, com o mundo, com o jovem. Já *Beatriz* é uma mulher idosa que fica sozinha e seu universo é o que ela lembra e revive", adianta o artista, que faz uso de diferentes técnicas de manipulação: são bonecos grandes e pequenos, articulados com as mãos, com os pés ou por mais de uma pessoa. Para essa trilogia, a inspiração foi sua relação de proximidade

com os avós. "Eu fui neto e eles foram avós muito presentes. Conheço a intimidade da velhice e é uma coisa que não deixa de me surpreender e encantar. Pra mim, sempre foi muito natural me relacionar com eles, deixar que me contem coisas, que me surpreendam, me divirtam. Nunca teve essa relação do respeito politicamente correto que faz com que você não se aproxime de verdade da pessoa", recorda.

Chama atenção na produção de Mercurio o modo como situa seus bonecos em tramas realistas. Em suas histórias, a fantasia se resume aos títeres. "Quando uma coisa que não é viva questiona a vida, tem uma força muito maior que se uma coisa viva o fizesse. Me toquem dessa possibilidade e quis levá-la ao limite, possibilitar esse estranhamento", revela o artista. A última peça de sua trilogia sobre a velhice, por exemplo, acompanha dois velhos amigos que se vêem o filme e precisam conviver com o Alzheimer.

Em Fortaleza até o domingo, 7, Mercurio vai apresentar uma retrospectiva de sua produção na Caixa Cultural. Amante do Brasil, país que visitou pela primeira vez em 1998 e onde se apaixonou por sua atual esposa, encontra inspiração em nossa música - e linguagem. Em primeira mão, dá pistas sobre o novo espetáculo sobre o ridículo. O ridículo da vida, do mundo".

Serviço

El Titiritero de Banfield - Retrospectiva

Quando: de hoje, 3, a domingo, 7
Onde: Caixa Cultural (av. Pessoa Anta, 297 - Praia de Iracema)
Quantos: R\$ 10 (inteira)
Classificação: 16 anos

PROGRAMAÇÃO

hoje, às 20 horas - *Velhos*.
Quinta, às 20 horas - *Beatriz*. A *História de Uma Mulher Inventada*
Sexta, às 20 horas - *El Titiritero de Banfield*
Sábado, às 17 horas - *Exibição de O Filme da Rainha*.
às 20 horas - *En Camino*
Domingo, às 19 horas - *De Banfield a México*

SAIBA MAIS

Papel de caramelo

Além das peças, Sergio Mercurio apresenta *O Filme da Rainha*, documentário que produziu e dirigiu ao lado de Juan Pablo Urste. Conta a história de Efigênia Ramos, que aos 50 anos, viúva e com nove filhos criados, transformou-se em artista popular. "Nos conhecemos em 1998 e temos uma relação profunda", conta Mercurio. A mudança em Efigênia aconteceu em um momento de desassossego: um dia, caminhando pela rua, viu um objeto brilhante e confundiu com uma joia. Era um papel de caramelo. A senhora decidiu começar a se vestir com os restos do que as pessoas jogam nas ruas, transformando-se na "rainha do papel de caramelo".

No palco, Sergio Mercurio faz uso de diferentes técnicas de manipulação



'Viejos': un espectáculo para aplaudir de pie



Ser aplaudido por un público que se pone de pie para hacerlo, como la noche del jueves pasado en el Teatro Nacional Sucre, no debe ser una escena extraña a la vida de Sergio Mercurio, el Titiritero de Banfield. Su ingenio y maestría al mando de los títeres bien lo merecen.



VALORE



Indignado



Triste



Indiferente



Sorprendido



Contento

Con una ternura y un humor inigualables, Mercurio logra deslumbrar al público en un despliegue de sus habilidades titiritescas. Sin embargo, no es su técnica -que es impecable- lo que merece ser destacado, sino su propuesta. Con textos tan cotidianos como inteligentes, sin ser jamás rebuscados, logra introducir al espectador en el rico universo de la vejez, con varios de sus matices.

Es así como van desfilando por el escenario y entre el público Tronco, Arturo, Rosa, Eduvigis, El Profesor o Navaho, que son solo algunos de los viejos que aparecen en las ocho escenas que el titiritero muestra en este show, que inicia luego de que el público ha disfrutado durante media hora de las artes del ilusionista ecuatoriano René Arboleda, que es una especie de 'telonero' en esta presentación llena de sorpresas.

La ternura y el humor son las constantes en los diálogos de estos fascinantes personajes contruidos con espuma por la mano del propio titiritero. Pero no es una ternura melosa ni lloriqueante, sino una inteligente y poética, igual que el humor.

Los viejos de Mercurio son humanos e imperfectos y, por eso mismo, adorables. No son 'adultos mayores', tampoco 'ancianitos' ni calzan en ningún otro de los eufemismos que han convertido a la palabra viejo en mala palabra; que no lo es. Son viejos vitales, 'puteadores' y sabios, sobre todo. No con una sabiduría angélica ni cósmica sino humana, lo cual les da peso y hace que el espectador se olvide por completo de Mercurio y se enganche con los personajes.

Quizá el más entrañable de todos sea El Profesor, con su buena onda, su tango, su manera de ver la vida. 'Viejos' se presenta hoy a las 20:30 y a petición del público se abrió una función extra, mañana a las 18:00 en el mismo teatro.